

---

## A ALBA OU CANÇÃO DA ALVORADA: UM GÊNERO POÉTICO ANTIGO

Maurice Van Woensel\*

### *Introdução*

A “alba” (ou “alva”) é uma forma fixa poética proveniente da literatura medieval: são versos colocados na boca de amantes lamentando a chegada do dia que vem interromper sua noite de amor; eles são avisados do alvorecer pelo canto de um pássaro ou pelo grito do vigia da torre.<sup>1</sup> Enquanto forma fixa específica, a alba parece ter surgido quase que simultaneamente na Provença e na França do Norte, mas registram-se vestígios deste tipo de canção na poesia latina da Baixa Idade Média. Num exaustivo estudo coletivo sobre a alba, recentemente publicado, destacaram-se alguns elementos da aludida forma fixa encontrados em poemas clássicos gregos e latinos.<sup>2</sup> Mas o espaço deste trabalho não nos permite delongas acerca dos precursores da alba, desde Safo até Ovídio. De qualquer forma, os modelos temáticos e métricos da alba, lançados na França, passaram sem muita demora para o repertório dos poetas das Penínsulas Itálica e Ibérica, como também da Inglaterra com o nome de *dawn song* ou *aubade* [“canção da alvorada”] e, principalmente, da Europa germânica com o apelido de *Tagelied* [“canção do nascer do dia”].

\* *Professor de Literatura Comparada na UFPB.*

Nos parágrafos que seguiremos acompanharemos, através de exemplos, o surgimento e a evolução desta forma fixa tipicamente medieval que teve muitos imitadores na literatura posterior.

### *Origens e precursores*

Helen Waddell chama alguns hinos litúrgicos, cantados ao nascer do dia, de “as primeiras albas”, já que ali encontramos um elemento importante da alba: o canto matinal do galo.<sup>3</sup> De fato, um conhecido hino, em latim, de Prudêncio, exortando os cristãos a levantar-se, começa com estas palavras: *Ales diei nuntius*, “A ave, arauto do dia...”: uma alusão ao galo que anuncia o novo dia.<sup>4</sup>

Em outro hino litúrgico, de S. Ambrósio, intitulado *Aeterne Rerum*, encontramos repetidas alusões ao galo: *gallus iacentes excitat... gallo canente, spes redit*: “o galo exorta os que dormem... ao canto do galo, a esperança volta”.<sup>5</sup> É de notar que nesses hinos a noite simboliza as forças do mal, enquanto o galo anuncia o reino da luz que é Cristo.

Mas esse simbolismo será subvertido nos séculos seguintes. Entre os próprios clérigos nasce uma poesia alternativa, profana, em boa parte inspirada pelos tratados amorosos de Ovídio. Em um manuscrito compilado no século X e guardado na Biblioteca do Vaticano, encontra-se uma estranha canção em latim cujas três estrofes misturam a temática litúrgica ambrosiana (uma exortação aos preguiçosos) com elementos da mitologia (os deuses Apolo e Aurórea).<sup>6</sup> Curiosamente, aparece aqui, em vez do galo, um vigia que grita “Levantai-vos!” Ora, o refrão desta canção vem em um dialeto mal-identificado, próximo do provençal, e começa assim: *L'alba part umet mar atra sol ...* O que significa aproximadamente “A aurora traz o sol sobre o mar escuro”. Essa canção híbrida contém em embrião alguns elementos da alba medieval em vernáculo: o grito do vigia que anuncia o dia, substituto eventual do canto do galo ou do pássaro. Além disso a palavra “alba” destaca-se no refrão, detalhe que é uma das marcas típicas da forma fixa em pauta.

### *Os trovadores e C<sup>ia</sup>*

Conforme o mestre medievista Segismundo Spina, os *troubadours* da Provença deixaram ao todo 15 albas; os *trouvères* (França do Norte)

somente très.<sup>7</sup>

Trazemos aqui a primeiro estrofe de uma alba anônima provençal:

*En un vergier, soz fuelh d'albespi  
Tenc la dompna son amic costa si  
Tro la gayta crida que l'alba vi.  
Oy Dieus! Oy Dieus! De l'alba! Tàn tost ve!*<sup>8</sup>

Em um pomar, sob as folhas de espinheiro,  
A dama aperta contra si seu amigo  
Até que o vigia grita que vê a aurora.  
Ó Deus! Ó Deus! Eis a alba! Ela vem tão cedo!

Encontramos aqui um “topos”, uma espécie de “clichê” da literatura medieval, o topos específico chamado *Natureingang*: consiste em iniciar o poema com uma idílica evocação da natureza, no caso um pomar e a copa de um espinheiro.<sup>9</sup> Quem avisa que o dia novo nasceu é o *gaita*, o vigia. Essa alba se parece com as cantigas de amigo galego-portuguesas: em quatro das seis estrofes temos o monólogo da mulher: como de costume, no refrão destaca-se a palavra ‘alba’: “Ó Deus, Ó Deus! Eis a alba! Ela vem cedo!”.

Em outra alba provençal encontramos a uma só vez elementos do canto matinal religioso e da alba profana. Trata-se de uma canção da autoria do *troubadour* Guiraud de Borneilh: ela começa com as palavras “*Reis glorios...*” A primeira das sete estrofes é dirigida pela dama a Deus, fonte de luz, porém, o que ela pede em sua oração é que Deus proteja seu amante... As outras seis estrofes são de todo profanas: aqui também o refrão destaca cada vez a palavra ‘alba’: “*Et ades serà l'alba*”: “E logo vem a aurora”.

*Reis glorios, verais lume e clartatz,  
Deus poderós, Senher, si a vos platz,  
Al meu companh siatz fizèls ajuda,  
Qu'eu non lo vi pòs la nochs fo venguda.  
R. Et ades serà l'alba.*

Rei de glória, deveras luz e clareza,  
Deus poderoso, se lhe agradar,

Dê sua fiel ajuda a meu amigo  
 Já que não o vi desde que a noite chegou.  
 R. E logo vem a alba.

*Bél companhó, si dormetz o velhatz  
 Non dormatz plus, suau vos ressidatz,  
 Qu'en orient vel l'estela creguda  
 Qu'amena'l jorn, qu'eu l'ai ben coneguda.  
 R. Et ades será l'alba.*<sup>10</sup>

Belo companheiro, dormindo ou vigiando  
 não dorme mais, acorda suavemente,  
 já que vejo no oriente a estrela crescida  
 que traz o dia, bem a reconheci.  
 R. E logo vem a alba.

A alba penetrou também esporadicamente na tradição poética ibérica. Vale citar uma conhecida canção do trovador Nuno Fernandes Torneol na qual se encontram vários traços marcantes da alba provençal, tais como o despertar, num cenário idílico e bucólico, de um casal acordados pelo canto dos pássaros:

Levad', amigo, que dormides as manhanas frias;  
 tódalas aves do mundo d'amor diziam:  
 Leda m'anda eu!

Levad'amigo, que dormide'-las frias manhanas;  
 tódolas aves do mundo d'amor cantavam:  
 Leda m'anda eu! (...) <sup>11</sup>

Mas é nos países germânicos que alba foi mais amplamente difundida desde a época dos trovadores e por muitas décadas depois ainda. Os chamados *Minnesänger*, "poetas do amor", enriqueceram a temática e ampliaram as modalidades formais da alba.

Vejamos os versos iniciais de um *Tageslied* antigo:

*Horstu, uriunt, den wabter an der cinne,  
 wes sin sanch ueriach?  
 Wir muzen uns scheiden nu, lieber man (...)  
 Naht git senfte, we tüt tach.  
 Owe, herce lieb, in mach  
 din nu uerbergen nuht.  
 Uns nimit diu freude gar daz grawe licht.*<sup>12</sup>

Amigo, escuta o guarda no pináculo,  
 que significa seu oráculo?  
 Meu amado, devemos nos despedir.(...)  
 A noitete é doce, o dia nos lesa,  
 Ái de nós, não consigo  
 esconder-te comigo.  
 A luz do dia aos amantes anto pesa. <sup>13</sup>

Na Inglaterra do século XIV, Geoffrey Chaucer, pioneiro da língua inglesa, inseriu uma alba no meio do longo poema *Troilus and Cressida*: trata-se de um romance de amor malfadado, episódio da guerra de Tróia (Livro III, estrofes 203-208). Nele é o galo que anuncia o dia depois da noite de amor entre Créssida e Troilus. Aqui também a noiva lamenta a chegada da luz, exalta a noite como fonte de alegria mas amaldiçoa a noite por passar rápida demais.

*But when the cok, comune astrologer,  
 Gan on his brest to bete, and after crowe,  
 And Lucifer, the dayes messenger,  
 Gan for to ryse, and out his bemes throwe;  
 And estward roos, to him that coude it knowe,  
 Fortuna maior, than anoon Criseyde,  
 With herte sore, to Troilus seyde -*

*Myn hertes lyf, my trist and my pleasaunce,  
 That was born, allas! what is me wo,  
 That day of us mot make desseveraunce!  
 For tyme it is to ryse, and hennes go,  
 Or elles I am lost for evermo. <sup>14</sup>*

Mas quando o galo, tal um astrólogo,  
 Começou a bater no peito e a cocoricar,  
 E quando Lucifer, o mensageiro do dia,  
 Começou a erguer-se e enviar seus raios  
 E levantar-se no oriente - para os entendidos  
 Ele é *Fortuna Maior* -, então Criseide, logo  
 Falou a Tróilo, o coração doído:  
 Amor de minha vida, minha fé e alegria,  
 Ái de mim, sinto tanto pesar  
 De que o dia está reaparecendo!

É tempo de nos levantarmos e irmos embora,  
Senão estarei perdida para sempre.

*A alba pós-medieval*

Foi Shakespeare que escreveu a alba mais conhecida: encontra-se inserida na peça *Romeu e Julieta* (Ato III, Cena 5). O casal aparece na janela depois de sua primeira noite de amor e Julieta abre o diálogo respondendo a Romeu que afirmara ter escutado o canto da cotovia:

Juliet: *Wilt thou be gone? It is not yet near day.  
It was the nightingale, and not the lark  
That pierced the fearful hollow of thine ear(...)  
Believe me, love, it was the nightingale.*

Romeo: *It was the lark, the herald of the morn,  
No nightingale. Look, love, what envious streaks  
do lace the severing clouds in yonder east(...)*

Julieta: *It is, it is! Hie hence, be gone, away!  
It is the lark that sings so out of tune(...)  
O now be gone; more light and light it grows.*

Romeo: *More light and light, more dark and dark our woes.* <sup>15</sup>

*Julieta:* Já vais indo? A luz do dia nem está perto.  
Era o rouxinol, e não a cotovia  
que penetrou no tímpano de teu ouvido (...)  
Crê em minha palavra, era o rouxinol.

*Romeu:* Era a cotovia, o arauto da manhã.  
Não o rouxinol. Olha, meu amor, os raios  
que bordam as nuvens do lado do nascente (...)

*Julieta:* É mesmo, é. Fora daqui, debes ir-te!  
É a cotovia que canta tão descompassada(...)  
Ó, vai-te embora; está ficando mais claro já.

*Romeu:* Sempre mais claro, e mais negras nossas dores.

Há pouco mais de um século, Castro Alves escreveu uma alba moderna, em que traz de volta o casal mal-fadado de Shakespeare. Nesse

poema de dez estrofes, intitulado "Boa noite," o poeta baiano cita logo na epígrafe um trecho do famoso diálogo e vai parafraseando o mesmo, identificando a Julieta shakespeariana com sua própria musa; a que chama sucessivamente de Maria, Marion e ainda Consuelo. Seguem aqui duas das dez estrofes ( *A calhandra* à qual alude o poeta é um outro nome para a cotovia; os *'jardins do Capuleto'* aludem ao cenário de Romeu e Julieta).

Julieta do céu! Ouve... a calhandra  
 Já rumoreja o canto da matina.  
 Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...  
 ...Quem cantou foi teu hálito, divina (...)

Se a estrela d'alva os derradeiros raios  
 Derrama nos jardins do Capuleto,  
 Eu direi, me esquecendo d'alvorada:  
 "É noite ainda em teu cabelo preto..."<sup>16</sup>

Olavo Bilac também não resistiu à tentação de dar uma roupagem nova à alba de Shakespeare. Temos dele o poema "A canção de Romeu" (1888) em que o amante trágico se dirige a Julieta. Citamos algumas estrofes do poema:

Não foi a ave que ouviste  
 Chilrando no jardim:  
 É a guitarra que geme e trila triste  
 Assim. (...)

Porém... Ó cotovia,  
 Silêncio! A aurora, em véus  
 De névoa e rosas, não desdobre o dia  
 Nos céus...<sup>17</sup>

A alba, gênero poético antigo, não está de todo extinto: em passado mais recente, até conquistou o grande público. Uma canção da trilha sonora da novela da Rede Globo, *Pai herói*, - dos anos oitenta - virou disco best-seller: era uma alba legítima, composta e cantada em francês, por Denise Emer, a filha da finada Jeannette Clair, e constituía outra versão moderna da alba medieval. Tinha como título "Lalouette", "A cotovia", e retomava o mesmo tema medieval da cotovia que anuncia o fim de uma noite de amores.

Reproduzimos sua última estrofe:

*Alors, tu t'es trompé, cela a été  
le rossignol qui t'a réveillé,  
mais non l'alouette  
qui porte pour nous le jour.  
Reste plus une seconde  
oublie le monde,  
viens avec moi.*<sup>18</sup>

Então, te enganaste, foi  
o rouxinol que te acordou,  
mas não a cotovia  
que nos traz a luz do dia.  
Fica mais um segundo,  
esquece-te do mundo,  
vem comigo.

### Conclusão

O tema e a forma fixa da alba apareceram ao termo de uma longa evolução. Na literatura clássica já, a luz do dia nascente era vista como um desmancha-prazeres dos amantes. Na literatura litúrgica cristã, a luz do sol nascente torna-se símbolo de Cristo, que venceu as forças diabólicas das trevas, e o galo, considerado o arauto da luz e de Cristo, tem a função de exortar os cristãos para uma nova jornada de fé e caridade. Mas a partir do séc. X a versão pagã volta a tona: para os amantes, o dia que nasce vem pôr fim às suas noites amorosas e eles relutam em reconhecê-lo e amaldiçoam o canto da ave ou o grito do vigia. E a partir do séc. XII é que aparecem os trovadores como pioneiros da nova tradição da alba enquanto gênero literário com suas conotações líricas e eróticas.

É de notar que o próprio vocábulo “*albus/alba*” evoluiu junto ao tema da alba. Com efeito, o termo “*albus*”, que em latim quer dizer “branco”, aos poucos foi referir-se especificamente à primeira clareza do sol nascente: assim como já o fez Virgílio (*Encida*, VI, 586), Prudêncio (séc. IV) usa o verbo “*albescere*” [“alvejar”] no seu hino litúrgico da manhã para descrever o nascimento do dia: “*Albescit solus*”: “o horizonte fica claro”. E, aos poucos, também o adjetivo e o substantivo “*albus*” chegaram a designar especificamente a luz do dia e deram origem a outros derivados tais como “alvorada” e “*aubade*”.

## Notas

1. SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: EDUSP, 1984. p. 357-8 [verbete "alba"]; CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 15-6; MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 19-20; SAYCE, Olive. *The Medieval German Lyric 1150-1300*. Oxford: Clarendon, 1982. p. 15-18.
2. HATTO, Arthur T. (ed.) *EOS; an enquiry into the theme of lovers' meetings and partings at dawn in poetry*. London/ The Hague/ Paris: Mouton & C°, 1965. Nesta obra destaca-se: J. H. MOZLEY, "Classical Greek" p. 255-63; John LOCKWOOD, "Classical, Later and Medieval Latin" p. 271-81.
3. WADDELL, Helen. *The wandering scholars*. London: Constable, 1990 [1927]. p. 21.
4. RABY, F. J. E. (ed.) *The Oxford Book of Medieval Latin Verse*. Oxford: Clarendon Press, 1989. p.19. São de nossa autoria as traduções deste e de outros poemas que seguem na língua original.
5. *ibidem*, p. 8.
6. WADDELL, Helen. *Mediaeval Latin Lyrics*. London: Constable, 1975 [1929]. p. 138-9; 320-; HATTO, EOS, p. 280-1.
7. SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: EDUSP, 1984. p. 358.
8. PICOT, Guillaume (ed.). *La poésie lyrique au Moyen-Âge*. vol. 1. Paris: Larousse, 1972 [1965](Nouveaux Classiques Larousse.) p. 68-9; MARROU Henri-Iréné. *Les troubadours*. Paris: Seuil, 1980 [1971] (Points/Histoire), p. 102
9. SPINA, *A lírica...* p. 391: verbete "Natureingang"; CURTIUS, Ernest M. *Literatura européia e Idade Média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. p. 96-8; SAYCE, Olive. *The Medieval German Lyric 1150-1300*. Oxford: Clarendon Press, 1982 p. 39-43.
10. SPINA, *A lírica...* p. 169; MARROU, *Les troubadours* p. 94; BEC, Pierre (ed.) *Anthologie des troubadours*. Paris: UGE-10/18, (Bibliothèque Médiévale) 1985 [1975]. p. 167-70; IGLY, France. *Troubadours et trouvères*. Paris: Marabout, 1960. p. 171.

11. MARQUES REBELO. *Antologia escolar portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1970. p. 390-1.
12. CARMINA BURANA. ed. Günter Brent; trad. Carl Fischer & Hugo Kuhn. Munique: Deutscher Taschenbuchverlag, 1979. p. 134-5; CARMINA BURANA. Maurice Van Woensel, ed. & trad.. São Paulo: Ars Poetica, 1994. p. 38.
13. *ibidem*, p. 39.
14. CHAUCER. Geoffrey. *Troilus and Cressida and The Canterbury Tales*. Chicago/London: Encyclopaedia Britannica, 1978 [1952], p. 81.
15. SHAKESPEARE, William. *Romeo and Juliet*. London: Longman, 1973 [1965] (New Swan Shakespeare). 137-9.
16. LAJOLO, Marisa & AMPEDELLI, Samira (eds). *Castro Alves*. São Paulo: Abril, 1980. (Literatura comentada). p. 26-7.
17. GOLDSTEIN, Norma. *Olavo Bilac*. São Paulo: Abril, 1980. (Literatura comentada). p. 26-7.
18. Como não possuímos a letra desta canção, apresentamos aqui nossa versão da mesma tal que a reconstituímos depois de ouvir o disco.